



REVISTA DE LITERATURA E CULTURA RUSSA

**“De que lado você está,  
cara?” – Roman Jakobson  
em Praga no entreguerras**

---

***Which Side Are You on?  
– Roman Jakobson in  
Interwar Prague***

Autor: Peter Steiner

Edição: RUS Vol. 13. Nº 21

Data: Abril de 2022

<https://doi.org/10.11606/issn.2317-4765.rus.2022.194324>

STEINER, Peter. “De que lado você está, cara?": Roman Jakobson em Praga no entreguerras. Tradução de Valteir Vaz. RUS, São Paulo, v. 13, n. 21, pp. 225-242, 2022



# “De que lado você está, cara?” – Roman Jakobson em Praga no entreguerras

Peter Steiner\*

**Resumo:** O autor examina a vida privada de Roman Jakobson entre 1920 e 1939, quando ele viveu na antiga Tchecoslováquia, primeiro como diplomata soviético e mais tarde como um acadêmico envolvido nas tramas políticas da época. Valendo-se de documentos de arquivos, o autor ilustra as relações complexas e contraditórias de Roman Jakobson com três instituições políticas com as quais ele manteve relação, durante sua estada na Tchecoslováquia no período entreguerras: 1) o Ministério do Interior; 2) O Ministério de Relações Exteriores; 3) A Missão da Cruz Vermelha Soviética / Representação Política em Praga.

**Abstract:** The author describes the private life of Roman Jakobson between 1920 and 1939 when he lived in the former Czechoslovakia, first as a Soviet diplomat and later as a scholar caught in a thick web of political intrigues. Using archival documents, the author illustrates Roman Jakobson’s complex and often contradictory relations with the trio of political institutions within whose orbits he was moving: 1) the Ministry of Interior; 2) the Ministry of Foreign Affairs; 3) and the Soviet Red Cross Mission/Political Representation in Prague.

**Palavras-chave:** Roman Jakobson; Círculo Linguístico de Praga; Biografia; Entreguerras

**Keywords:** Roman Jakobson; Prague Linguistic Circle; Biography; Interbellum

**Duas pessoas estão jogando xadrez e você se mostra interessado no jogo, não propriamente no resultado do jogo. Você assiste com curiosidade, simpatiza com o perdedor, vibra com a inteligência do vencedor e calcula os “movimentos” das peças brancas e pretas. Por um minuto, você pode até mesmo sentar-se à mesa e jogar com um deles. Essa é a minha atitude em relação à política de hoje.<sup>1</sup>**

\* Professor Emérito de Literatura Eslava da University of Pennsylvania, Russian and East European Studies. Autor, entre outros, do livro *Russian Formalism: A Metapoetics*. Suas principais áreas de interesse são Teoria Literária e Literatura e Cultura eslavas modernas; <https://orcid.org/0000-0003-1076-2626>; [psteiner@sas.upenn.edu](mailto:psteiner@sas.upenn.edu)

**R**oman Jakobson é, indubitavelmente, uma das figuras mais importantes da filologia eslava moderna. Mas, além de ser um brilhante acadêmico, ele também foi um participante ativo nos eventos turbulentos que moldaram o século 20. Agora que o passado está desaparecendo numa velocidade vertiginosa, os pesquisadores que estudam o legado de Jakobson parecem pouco afeitos a abordar as suas ideias *in abstracto*, como se pertencessem a um sistema autônomo, a-histórico. Em vez disso, eles têm buscado compreender o multifacetado e instável contexto social que influenciou suas ideias, seja a sua relação com os emigrados russos na Tchecoslováquia, as bases ideológicas do seu pensamento ou sua oposição ao conservador *establishment* acadêmico tcheco. Este artigo tem como base a documentação de arquivo que ilustra as relações complexas e frequentemente contraditórias de Jakobson com três instituições políticas, no interior das quais ele se moveu durante a sua estada na Tchecoslováquia no entreguerras: 1) o Ministério do Interior; 2) o Ministério de Relações Exteriores (também conhecido como Zamini - em tcheco *Černín* – devido seu domicílio estar localizado em um palácio barroco com esse nome); 3) a Missão da Cruz Vermelha Soviética (fundada inicialmente em 1921 como uma delegação comercial e atualizada em 1922 para, de facto, uma representação política).

---

<sup>1</sup> Carta de Roman Jakobson a Grigori Vinokur, novembro, 1920.

Graças ao relatório de um agente anônimo da polícia tcheca, secretamente despachado para vigiar a Missão Soviética da Cruz Vermelha, desde o momento em que seu trem cruzou a fronteira de Berlim, sabe-se exatamente quando Jakobson (como tradutor) e outros seis membros do grupo, liderado por Dr. Solomon Gillerson, chegaram à Estação Woodrow Wilson de Praga: 10 de julho de 1920, às 16h32. Como o governo da Tchecoslováquia não reconheceu oficialmente o estado soviético, assumiu-se que o objetivo da Missão era puramente humanitário: a repatriação de prisioneiros de guerra russos mantidos presos no antigo império Habsburgo. Mas, dada a situação política, a guerra Russo-Polonesa em curso e os recentes levantes comunistas na Alemanha e na Hungria inspirados na Revolução Soviética de outubro, a atmosfera estava carregada de desconfiança. Os pertences pessoais dos viajantes foram revistados e dez caixas grandes que os passageiros despacharam de Berlim foram apreendidas para posteriormente serem inspecionadas.<sup>2</sup>

Os integrantes da Missão se instalaram provisoriamente no Hotel Imperial, no centro de Praga, onde uma das suítes foi utilizada como escritório, neste mesmo momento um esquadrão de detetives disfarçados começou sua vigilância. Entretanto, cerca de duas semanas depois, a Cruz Vermelha local ofereceu a seus colegas russos mais três quartos na sua sede própria na Rua Neklanova, no distrito de Vyšehrad, de Praga. Isso, no entanto, não foi um ato de pura caridade como ficamos sabendo por meio de um relatório confidencial do Ministério do Interior, datado de 27 de julho [1920]. O que a motivou foi “a suspeita da ‘Cruz Vermelha Tcheca’ de que [a Missão Soviética] não se ocupava somente com atividades humanitárias ou sociais, mas também com assuntos políticos e comerciais.” Além disso, o vice-presidente da Cruz Vermelha nacional, Dr. Procházka, contatado pelo Ministério do Interior dois dias an

---

<sup>2</sup> Nas caixas continham 15 milhões da tão falada “duma rublo” – moeda emitida pelo governo provisório russo após a Revolução de Fevereiro, mas ainda utilizada na Rússia de então (1920) – e mais 6 milhões em notas austríacas antigas, porém, sem os selos de receita do Ministério das Finanças Tcheco, separando-as da mesma moeda que circulava então em outros estados sucessores da Áustria-Hungria, não era considerados de curso legal.

tes da chegada da delegação soviética, prometeu compartilhar com a polícia as suas observações “extraoficiais”.

A separação da Missão em duas hospedagens complicou, até certo ponto, a vigilância clandestina de seus integrantes. A distância de cerca de três quilômetros entre o Hotel Imperial e o n.º 34 da Rua Neklanova exigiu a duplicação da equipe de vigilância, como solicitado pela polícia praguense em uma carta de 30 de julho ao conselheiro do Ministério do Interior, Sr. Šlechta. Por causa disso, todos os movimentos dos bolcheviques suspeitos, desde o momento que deixavam suas residências até retornarem, foram muito bem documentados. Mas, infelizmente, todos esses relatórios proporcionam uma leitura nem um pouco inspiradora, são desprovidos de quaisquer indiscrições lascivas, em vez disso abundam em detalhes de transportes, nomes de locais visitados e a identidade daqueles que tentaram entrar em contato com a delegação. Também ficamos sabendo quem eram os destinatários das cartas enviadas pela Missão nos escritórios postais locais. Além disso, todos os telegramas enviados passavam por um escrutínio especial para que fosse determinado se, de fato, poderiam ser enviados ou não. Foram várias as mensagens de Jakobson ao chefe da Agência Russa de Telégrafos Mikhail Levidov relatando a situação política na Europa Central, mensagens essas que obrigaram a polícia a notificar, no dia 21 de julho, o Palácio Černín que “a Missão russa não parece estar preocupada apenas com questões de ajuda social, ela parece ter também outros objetivos.”

O jogo de gato e rato entre a polícia e Jakobson deu uma reviravolta inesperada no dia 24 de janeiro de 1922, às 11h30 da manhã, quando Jakobson trancou o agente disfarçado František Böhlm no quarto 64 do Hotel Imperial, utilizado para acomodar mensageiros diplomáticos. O protocolo policial, acionado imediatamente após o incidente e devidamente assinado por Jakobson, explica o que aconteceu. A causa do atrito foi a presença de outro membro do Círculo Linguístico de Moscou, Peter Bogatyrióv, que Jakobson acomodou num dos quartos durante a noite (ao que parece na companhia da estereotipista da missão, Sra. Tamara Iulievna Lange, com quem

Bogatyrióv viria a se casar um ano mais tarde) sem o registro devido do hotel. Ao saber do ocorrido, o vigilante Böhm, que na ocasião estava de plantão, buscou descobrir quem era o estranho e entrou no quarto perguntando pelo documento de identidade de Bogatyrióv (que chegou em Praga em 10 de janeiro para se juntar à delegação comercial). Jakobson refutou a ação, apelando para a noção de extraterritorialidade, e uma vez que o policial flagrantemente ignorou sua objeção, ele correu e trancou o quarto. Ele o fez, especificou Jakobson no protocolo, devido à atitude de Böhm em violar o status de autojuridição das instalações, e na sequência foi telefonar para Zamini para despachar alguém para registrar essa violação do protocolo diplomático. A polícia não considerou seu argumento e só uma intervenção de um médico da polícia, declarando que Jakobson estava doente (sua temperatura foi medida aos 38° C.), o poupou de ser imediatamente preso. Dois dias após o ocorrido, o Presidium do Ministério do Interior emitiu um dossier contendo toda a evidência incriminatória ao Ministério da Justiça, solicitando que Jakobson fosse indiciado pela ofensa criminal por prejudicar a liberdade pessoal de Böhm.

Mas isso não ocorreu! Na tarde do dia primeiro de fevereiro, o telefone tocou na mesa do Dr. Novák, do Ministério da Justiça. Do outro lado da linha estava Dr. Beneš, o ministro do exterior que à época também era o Primeiro Ministro tcheco. De acordo com a nota que Novák deixou sobre essa conversa, Beneš, apesar das objeções de Novák de que nem Jakobson nem Bogatyrióv gozavam de imunidade diplomática, argumentou que Jakobson estava no seu direito ao defender que o espaço da Missão era de fato extraterritorial. A isso o primeiro-ministro acrescentou que ele também estava preocupado com a segurança dos representantes tchecoslovacos em Moscou, os quais poderiam ser igualmente prejudicados pela polícia soviética. Por fim, ele insistiu que a acusação fosse anulada, caso contrário “o equívoco cometido por nós seria exposto para o mundo inteiro.”<sup>3</sup> O desejo do primeiro-ministro, desnecessário dizer, foi acatado, e Jakobson saiu ileso.

---

<sup>3</sup> O incidente, no entanto, não permaneceu no anonimato. Ele foi reportado, por exemplo, no jornal de esquerda *Tribuna*, no dia primeiro de fevereiro, com a seguinte manchete “Extraterritorialidade e a Polícia Tcheca”. Em tom de satisfação, o equívoco foi atribuído ao fato de o policial muito possivelmente não saber o sentido da palavra “Extraterritorialidade”.

Não era apenas o Ministério do Interior que estava preocupado com as atividades de Jakobson em Praga. Mensagens de alerta também estavam chegando da Missão tchecoslovaca em Moscou: a primeira delas de meados de 1922 se referia à mudança de posição de Jakobson. No inverno de 1920, ele deixou a delegação soviética para se matricular na Universidade Charles na condição de estudante visitante.<sup>4</sup> Se ele parou de trabalhar ou não para o Comissariado Nacional de Relações Exteriores (Narkomindel), não está completamente claro. De fato, Jakobson se mudou do Hotel Imperial para um quarto alugado no dia 25 de outubro. Mas, no relatório policial de 26 de janeiro de 1921, consta que ele ainda permaneceu frequentando a Missão Soviética quase todas as tardes, conversando com os membros desta organização até bem tarde da noite, além de frequentar o apartamento da Sra. Solodovnikova (supostamente uma espiã soviética). A mudança de carreira, porém, durou pouco. A Faculdade de Filosofia da Charles aceitou sua inscrição, mas professores russos emigrados impediram sua admissão, foi-lhe autorizado apenas frequentar os cursos de professores que, antecipadamente, deveriam lhe dar permissão para tal. Insatisfeito com essas condições, Jakobson deixou a academia no final de 1921 para se tornar adido de imprensa no que era agora a Delegação Comercial Soviética, chefiada por Pável Mostovenko.<sup>5</sup>

A história completa, ao que parece, não chegou até Moscou. O chefe da Embaixada da Tchecoslováquia em Moscou, Josef Girsá, alertou Praga em uma mensagem “secreta” no dia primeiro de julho de 1922: “De acordo com a informação que recebemos, o estudante russo da Escola de Filosofia, Jakobson, é um informante da Delegação Soviética Russa em Praga.” In-

---

4 Numa carta de 20 de outubro de 1920, Gillerson informa o ministro das relações exteriores que Roman Jakobson “deixou seu posto por vontade própria e não é mais meu empregado.”

5 Quando exatamente Jakobson retomou seu trabalho junto à Missão não está totalmente claro. De acordo como o memorando do Ministério Estrangeiro para o Ministério do Interior, de 14 de fevereiro de 1922, Jakobson, na ocasião do incidente no Hotel Imperial, não era um oficial da Missão (“*nejsa v úředním poměru... k delegaci*”). O nome dele aparece em um adendo à lista de novos membros da Missão que Černín apresentou ao Presidium do Ministério do Interior em 22 de abril de 1922.

felizmente o aviso de Girsá não foi tomado a sério, o que fica claro pela instrução anotada a mão nas margens do documento: “Informem à missão”, ordena o destinatário da mensagem, “que Jakobson é um membro da Missão de Mostovenko.” A instrução, ao que parece, não foi cumprida; pois, em 18 de janeiro de 1923, Girsá remeteu a Praga uma segunda nota “estritamente confidencial” questionando o status oficial de Jakobson, devido a “rumores persistentes que circulavam [em Moscou] afirmando que ele é um espião e um provocador.” O esboço da resposta a essa mensagem deixa claro que o Ministério das Relações Exteriores notificou o escritório de Moscou sobre a atual situação de Jakobson e, por sua vez, pediu a Girsá que esclarecesse os fundamentos de tais “rumores persistentes.”

A resposta não tardou. No dia 15 de fevereiro, Girsá explicou a Zamini que sua fonte eram os pais de alunos russos que estudavam em Praga, os quais estavam implorando por meios dos canais diplomáticos que ele alertasse seus filhos sobre o jogo sujo de Jakobson. Girsá declinou abertamente de fazê-lo por medo de se comprometer, mas uma vez que aqueles que o questionavam eram vários e dignos de confiança, ele acabou convencido de que “sem dúvida alguma Jakobson era um agente da G.P.U<sup>6</sup> encarregado da tarefa de inteligência entre os emigrantes russos na República Tchecoslovaca.” Uma refutação de duas páginas à alegação de Girsá veio de um empregado de confiança da terceira seção do Zamini (inteligência e propaganda), Jaroslav Papoušek, um conhecido próximo de Jakobson que negou categoricamente qualquer mérito a todas as acusações de Girsá. A carta é bastante factual e não menciona qualquer relação de trabalho com Jakobson. No entanto, ela apresenta certa ambiguidade em sua posição. “Minha impressão geral do comportamento de Jakobson”, Papoušek explicou em 5 de março, “é que ele evita meticulosamente não só tudo que diz respeito à política, mas também tudo que possa vir a comprometê-lo, e que aos poucos ele está se preparando para se estabelecer na Tchecoslováquia ou na Alemanha para

---

<sup>6</sup> Em russo Государственное политическое управление (Diretório Político Estatal). N.T.



se dedicar integralmente a atividades acadêmicas e literárias, ao mesmo tempo em que mantém boas relações com a Rússia.”

O primeiro vazamento conhecido de uma informação confidencial para os tchecos sobre Jakobson ocorreu em 1924. Ano em que a Academia Russa de Ciência deu início às preparações para celebrar seu bicentenário, evento no qual os mais altos escalões do poder soviético estavam envolvidos em selecionar os convidados de honra do exterior. Em 9 de junho, o novo líder da Missão em Praga, Vladimir Antonov-Ovseenko, a conselho de Jakobson, sugeriu a Moscou como um possível candidato Tomáš G. Masaryk, o conhecido filósofo e à época o presidente da Tchecoslováquia. Mas, enquanto Moscou refletia sobre a ideia, Jakobson, ao que parece, divulgou essa nomeação a outro funcionário da terceira seção Černín, Josef Šrom, que a repassou ao próprio Masaryk. Se Jakobson fez isso para obter um favor do presidente, trata-se de uma questão de interpretação, mas os soviéticos que estavam envolvidos nessa indiscrição ficaram numa situação desconfortável e instituíram uma investigação oficial para descobrir quem havia vazado a informação. Mas, mesmo antes dos resultados serem divulgados, o comissário para assuntos estrangeiros, Georgii Chicherin, em seu relato ao secretariado do Comitê Central do Partido Bolchevique, apontou seu dedo para Jakobson, chamando-o de “uma pessoa não confiável, mas absolutamente insubstituível para as funções que ele desempenha.” Já o relatório de Ovseenko sobre o caso, enviado três dias depois (9 de julho), explica o porquê disso: “Jakobson é extremamente útil a nós, seu real benefício para conosco excede o dano potencial que ele pode representar. Até o momento, não há evidências que o incriminem [...]. Uma boa parcela de nossas informações vem dele ou das fontes dele.”<sup>7</sup>

---

7 Sorokina, Marina. ‘Nenadezhnyi, no absolutno nezamennyi’: 200-letnii iubilei Akademii nauk i ‘delo Masaryk-Jakobson’, in *In Memoriam: Istorcheskii sbornik pamiati A. I. Dobkina*, editado por Vladimir Alloi e Tatiana Pritykina, St. Peterburg, Fenix, 2000, p. 139. É mais provável que “o jornalista tcheco Shrom”, a ligação entre Jakobson e Masaryk, de acordo com Sorokina, fosse Josef Šrom que, de 1921 a 1929, serviu na missão tchecoslovaca em Moscou como um oficial da propaganda e da inteligência [zpravodajský] e, a partir de 1930, foi o líder do escritório de impressão na embaixada em Viena. Nós retornaremos a esta figura mais adiante.

A defesa de Jakobson por Ovseenko foi bem justificada porque sua “língua solta” não precisa ser vista somente como um risco, mas também poderia ser usada como uma ferramenta útil à desinformação. Deixe-me explicar. Um dos obstáculos nas relações entre a Tchecoslováquia e a União Soviética foi o não-reconhecimento diplomático do governo de Moscou por Praga. O Kremlin aumentou a pressão no final de 1926, quando Narkomindel ameaçou fechar a Missão da Tchecoslováquia na cidade de Kharkov se a representação não fosse elevada à posição de consulado e o mesmo status fosse concedido à Missão Soviética na Bratislava.<sup>8</sup> O relatório confidencial de Jakobson a Papoušek, de 25 de outubro, foi, sem dúvida, parte dessa campanha. O documento pretendia divulgar o plano de retaliação do Kremlin caso a Tchecoslováquia não reconhecesse o governo Soviético dentro de semanas: “Aqueles que exigem uma solução decisiva ganharam força em Moscou.”, Jakobson relata *sub rosa*, da posição de um funcionário experiente, e providenciou uma relação das promessas quebradas pelos vários partidos políticos tchecoslovacos para mudar o *status quo*. “Por todas essas razões”, conclui ele, “foi alegadamente decidido que, na falta de um reconhecimento imediato, a Representação Política [Soviética] seria chamada de volta a Moscou, todas as ordens comerciais canceladas e as relações suspensas até que a URSS fosse reconhecida.”

Contudo, a Missão tchecoslovaca em Moscou, que recebeu uma cópia, não ficou nem um pouco impressionada com o vazamento de Jakobson. Esse aviso não pode ser levado a sério, um correspondente anônimo refutou o mensageiro exatos cinco dias depois, pois há muitas razões de peso para que a URSS não se dê ao luxo de tratar Praga com desprezo (a missiva lista três delas). Além disso, ele também questionou as intenções de Jakobson: “Anteriormente eu já havia informado ao Ministério das Relações Exteriores sobre a atitude de Jakobson em relação a nós e ao regime soviético. O documento anexo me assegura mais uma vez que os soviéticos estão usando-o [Jakobson] para transmitir ao Ministério de maneira não oficial

---

<sup>8</sup> Veja, por exemplo, LUNES, Igor. *Czechoslovakia between Stalin and Hitler: The Diplomacy of Edvard Beneš in the 1930s*. Oxford: Oxford University Press, 1996, p. 21.

o que eles desejam que nosso governo saiba. Não pode haver a menor dúvida de que ‘a mensagem do sr. Jakobson’ é não um gesto de bondade de sua parte, mas a simples execução de uma ordem de cima.... Está claro pra mim que, através de Jakobson, os soviéticos estão pressionando o ministério e não se pode descartar que esta seja a maneira deles de enganá-lo.”<sup>9</sup>

Mas, se esse tipo de informação fabricada pelos soviéticos serviu aos seus próprios propósitos, a liderança política tchecoslovaca não hesitou em usá-lo. Refiro-me a um caso curioso do general “político” Radola Gajda, que teve vários desdobramentos entre 1926 e 1928, no qual as artimanhas de Jakobson desempenharam um certo papel. O presidente Masaryk via esse herói das legiões tchecoslovacas na Rússia durante a Guerra Civil com muita desconfiança devido a suas evidentes inclinações pró-fascistas. Masaryk temia que Gajda pudesse tirar proveito de sua posição como chefe de agrupamento do Estado-Maior e repetisse o golpe de estado exitoso perpetrado na vizinha Polônia por Józef Piłsudski, em maio de 1929, para chegar ao poder. Os soviéticos também tinham rancor contra Gajda e estavam felizes em compactuar com os tchecos. Gajda era não apenas um dos iniciadores do tão-falado “incidente de Chelyabinsk” – a recusa das legiões tchecoslovacas em entregar suas armas para os Bolcheviques, o que possibilitou que os tchecos adentrassem a Sibéria até o porto de Vladivostok –, mas também um general no exército do almirante Aleksandr Kolchak, um dos principais líderes do movimento Branco contra os Vermelhos na Guerra Civil. A trama foi arquitetada e Gajda foi acusado de ser, entre outras coisas, um espião soviético que, durante seus estudos na Academia Militar Francesa no início da década de 1920, repassou aos soviéticos manuais militares confidenciais, crime para o qual Ovseenko prometeu fornecer as provas incriminatórias.

Neste caso, a Missão Soviética, os documentos preservados sugerem, usou Jakobson de duas formas. Por um lado, Jakobson, não de todo confiante de que as acusações contra Gajda iriam a tribunal, estava pressionando os tchecos a tomarem

<sup>9</sup> Curiosamente o autor usa a expressão idiomática russa: “вести в заблуждение” para “enganar”.

uma atitude rápida. Ao que tudo indica, o linguista russo aconselhou o diretor da seção de propaganda do Ministério do Exterior, Hájek, e repetiu a mesma coisa em uma recepção com o Ministro Beneš [...], em 4 de julho, que Gajda sabia que estava sendo acusado e que contataria aqueles que pudessem testemunhar contra ele para persuadi-los a ficar do seu lado. Jakobson também alertou que os franceses já sabiam do caso e que havia o risco de que eles viessem a publicar [o que sabiam] de uma maneira ou de outra. Portanto, ele argumentou, “é preferível acelerar a solução e a investigação.” Por outro lado, Jakobson também estava se esforçando para explicar aos céticos locais por que a evidência contra Gajda, prometida inicialmente pela Missão Soviética, não podia se materializar. Por volta de 28 de julho, ele esteve aparentemente esclarecendo a Arne Laurin, o editor-chefe do *Prager Tagblatt*, o semioficial jornal alemão em Praga que contava com Mazaryk entre seus leitores, que havia “uma relação bastante tensa entre o Ministério da Defesa e o Ministério das Relações Exteriores da URSS [...] e ele expressou sua opinião de que seria difícil para Ovseenko obter permissão do governo soviético para liberar os documentos incriminatórios [...] porque o Ministério da Defesa dificilmente passaria ao Ministério das Relações Exteriores documentos que expusessem seus espões.”<sup>10</sup> A prova prometida nunca foi fornecida, e então, ainda em 1928, Mazaryk, impaciente, despachou o anteriormente mencionado Josef Šrom para consultar Chicherin se ele estaria autorizado a copiar os materiais pertencentes a Gajda a mão. “O Sr. Chicherin escutou com interesse e prometeu responder depois.”<sup>11</sup> – Šrom escreveu em resposta – mas o fato é que esta resposta nunca foi dada.

A carreira diplomática de Jakobson chegou ao fim em 1928. Ele foi demitido como um não comunista durante o remanejamento dos oficiais dos escritórios de imprensa em todas as missões soviéticas importantes no exterior, apesar dos corajosos esforços de Ovseenko no sentido de mantê-lo no

---

10 Citado a partir de KLIMEK, Antonín; HOFMAN, Petr. *Vítěz, který prohrál: Radola Gajda*, Paseka: Litomyšl, 1995, pp. 91-92 e 114.

11 Ivi, p. 188.



Último passaporte soviético de Jakobson, emitido em dezembro de 1934.

cargo.<sup>12</sup> Mas a demissão não o prejudicou, pois, apesar de sua decisão de permanecer na Tchecoslováquia, Jakobson não renunciou à cidadania soviética e a embaixada regularmente fornecia a ele passaportes soviéticos (este último em 1934).

De acordo com o relatório policial de Praga datado de 1 fevereiro de 1933 (retornarei a esse documento mais à frente), “Jakobson – mesmo depois de terminada sua relação oficial – visitava com frequência a Representação

Soviética [...] e a Delegação Comercial. E, como se não fosse estranho o suficiente, apesar da “recusa de Jakobson em obedecer à ordem de retornar para Moscou [...], ele não se opôs ao governo soviético e os soviéticos não impuseram nenhuma represália contra ele.” Ao mesmo tempo, o Ministério das Relações Exteriores da Tchecoslováquia emitiu a ele um visto de reentrada para que ele pudesse visitar a Alemanha. Mais tarde, ele recebeu regularmente passaportes tchecoslovacos para viajar ao exterior, nesses documentos sua nacionalidade foi indicada como “*indéterminée*.” Ele também recebeu permissão para permanecer em Praga até dezembro de 1932.

Apesar desta mudança no status de Jakobson, o aparato de segurança da Tchecoslováquia não o deixou sumir de sua mira. Mas, ao mesmo tempo, as avaliações negativas desse órgão de segurança sobre o linguista, tido como como um risco à segurança, foram sempre contrabalançadas por intervenções do Ministério das Relações Exteriores. Dessa forma, em fevereiro de 1929, por exemplo, o Ministério do Interior informou a todos os órgãos governamentais relevantes que um artigo

12 Para detalhes, veja GENIS, Vladimir. “Jakobson, konechno, vozmutitsia...” In *Voprosy istorii*, dezembro de 2008, pp. 120-125.

“De que lado você está, cara?” – Roman Jakobson em Praga...

Passaporte provisório tcheco com visto de entrada na Itália.



criticando a situação política na Rutênia havia sido publicado no jornal soviético *Proletárskaia Pravda* e assinado com as iniciais A. G., era muito possivelmente de autoria de Jakobson.<sup>13</sup> O Diretório de Polícia de Praga – de onde a informação emanou – foi, contudo, forçado a reconsiderar essa insinuação em 3 de julho, depois de uma objeção enérgica do Palácio Černín de que esse não poderia ser o caso. Em um relatório de 10 de junho deste mesmo ministério, insistia que Jakobson estava naquela época totalmente ocupado em se preparar para seu exame de doutoramento e também com a edição do jornal acadêmico *Slavische Rundschau*, publicado por Franz Spina, que, cabe mencionar, era à época não só o *Doktorvater* de Jakobson, mas também o Ministro da Saúde e da Educação Física do governo tchecoslovaco.

<sup>13</sup> As iniciais A.G. sugerem que esse artigo pudesse ser de autoria do antigo chefe de Jakobson, Vladimir Aleksandrovich Antonov-Ovseenko (transferido para a Lituânia em 1928), que usava o pseudônimo A. Gal'skii.

Esse embate entre Jakobson e os Ministérios do Interior e das Relações Exteriores se intensificou na década de 1930, quando, após receber seu doutorado da Universidade Alemã em Praga, a Universidade Masaryk em Brno o convidou para se juntar ao seu recém estabelecido Departamento de Filologia Eslava. O prof. Bohuslav Havránek, membro do Círculo Linguístico de Praga e um fervoroso apoiador de Jakobson, presidiu o comitê de contratação. Como já era esperado, as reações dos dois ministérios envolvidos no processo de verificação foram bastante diferentes. A posição do Ministério do Interior, conforme consta em seu memorando ao Ministério da Educação em 18 de outubro, foi contida, para não dizer extremamente hostil: “Muito excepcionalmente nós não temos qualquer objeção à indicação de Roman Ossipovič Jakobson para o cargo de professor contratado de filologia russa”, desde que não haja nenhum candidato com cidadania tchecoslovaca habilitado ao cargo.

O Palácio Černín, como já era esperado, mostrou-se mais disposto a cooperar. Deve-se notar também que até essa ocasião as cartas a Jakobson advindas deste órgão eram de apoio, ainda que com tom de indiferença, mas, a partir desta indicação, tornaram-se cheias de entusiasmo, apresentando Jakobson como um aliado do ministério e um indivíduo valioso. Reagindo a quatro indagações de Havránek quanto à posição de Zamini sobre a indicação de Jakobson, Jan Háje negou em 6 de março a alegação de que seu ministério estivesse envolvido de alguma forma na malsucedida candidatura do linguista russo para estudar na Charles em 1920. Pelo contrário, Háje disse, “estamos prontos, se necessário for, para apoiar a candidatura de [Jakobson] se a Universidade Mazaryk a propuser.” E seu colega Papoušek, a quem a carta de Havránek foi endereçada, anotou o seguinte na margem da resposta de Háje: “*Pro domo*: o ministro Dr. Beneš foi informado sobre esse assunto. Ele concordou que a resposta deva ser positiva e favorável.”

A “resposta positiva e favorável” endereçada ao Ministério da Educação foi redigida em 16 de outubro pelo homem número dois do palácio Černín, o historiador Kamil Krofta, que assinou a carta “no lugar do ministro.” “O Ministério das Relações

Exteriores” não economizou nas suas palavras, “não sabemos de um único caso de deslealdade ou comportamento incorreto da parte do Dr. Jakobson para com o nosso país, ao contrário, sabemos de muitos casos em que Dr. Jakobson claramente desejou ajudar nosso povo e de fato ajudou.” Dessa forma,

o Ministério das Relações Exteriores não tem dúvidas de que Dr. Jakobson poderá realizar um excelente serviço ao nosso país também no futuro; portanto, nós não apenas não temos nenhuma objeção à sua nomeação como professor contratado na Universidade Mazaryk em Brno, mas também, de acordo com os interesses deste ministério, o recomendamos ao cargo.

A recomendação de Krofta foi atendida e Jakobson nomeado em Brno. No entanto, para tornar sua posição efetiva, ele ainda teve que passar pela “habilitação”, um procedimento de costume, o que ocorreu entre 1932 e 1933, e precipitou mais um confronto entre dois ministros. Um memorando contendo quatro longas páginas preparado pelo Diretório Policial de Praga para o Presidium do Ministério do Interior, de 1 de fevereiro (do qual eu já citei), listou todos os casos do suposto comportamento criminoso, subversivo ou traidor de Jakobson, e concluiu com um devastador *coup de grâce*:

Tendo em conta todas as circunstâncias apresentadas, esse escritório considera Jakobson politicamente *não confiável* [ênfase no original] e, não sem razão, suspeita que ele reside na Tchecoslováquia a pedido da Terceira Internacional que o encarregou de uma missão política. É provável que ele, por iniciativa deles [soviéticos], esteja se esforçando para obter uma posição influente nos estudos eslavos, pois, na condição de professor universitário, ele pode plenamente aplicar os princípios comunistas e promover os interesses da URSS.

Este mesmo documento, felizmente, contém ainda uma parte cômica: uma quinta página anexada a ele contendo acusações adicionais de certo Dr. Fišer, um funcionário do Ministério do Interior,

a par da indicação de Dr. Roman Jakobson como professor contratado na Universidade Mazaryk em Brno, afirmou: 1) o irmão dele ensina em Berlim e [Jakobson] o visita com frequência; 2) ele vive acima de suas posses, frequenta ba-



res e recentemente num desses estabelecimentos da cidade [Praga] ele fez uma cena dando um tapa na cara de alguém.

Mas Zamini não permitiu que o Ministério do Interior tivesse a palavra final nessa disputa. Em 21 de fevereiro, o diplomata tcheco mencionado anteriormente, Josef Šrom, enviou de Viena a Havránek seu testemunho pessoal negando quaisquer conexões de Jakobson com a causa Comunista. Šrom enfatizou em sua carta que ele não apenas conhecia Jakobson há mais de dez anos como também conhecia a sua esposa e os parentes deles em Moscou. Por causa disso, ele enfaticamente escreveu:


Eu poderia, estimado senhor professor, declarar solenemente e diante de qualquer comissão que os Jakobson nunca foram membros do Partido Comunista, nunca prestaram a esse órgão qualquer serviço especial e nunca tiveram diminuídas as suas gratidões para com a Tchecoslováquia pela hospitalidade que lhes foi concedida. Dr. Jakobson, em razão de seu conhecimento e de sua simpatia para com a República da Tchecoslováquia, deveria ser, na verdade, o orgulho de qualquer uma de nossas universidades.

Com a ascensão de Hitler ao poder na vizinha Alemanha em meados dos anos de 1930, a situação política na Europa Central alterou-se drasticamente. A ameaça da expansão nazista suplantou num grau considerável o temor da subversão comunista e, em 1935, a Tchecoslováquia reconheceu plenamente o governo soviético. Nesse novo contexto, o conhecimento acadêmico de Jakobson foi reconhecido pela terceira seção do Zamini como uma valiosa contribuição para a *Kulturkampf* (luta cultural) contra a propaganda alemã. O Ministério do Exterior cobriu suas despesas para participar em encontros acadêmicos no exterior e subsidiou suas viagens dentro do país. Černín também consultou Jakobson em assuntos relacionados à Rússia, como, por exemplo, a programação para uma delegação de jornalistas soviéticos que visitariam a Tchecoslováquia em outubro de 1935. No entanto, as velhas suspeitas não desapareceram completamente, mesmo depois de Jakobson já ter recebido a cidadania tcheca em 1937, uma condição para tornar sua posição de professor na Universidade Mazaryk permanente. Em 12 de junho, ele se viu obrigado

Konsulát :

Vojenský historický archiv  
kopie materiálů  
číslo:

**Prohlášení** 318

Podepsaný :  2 07 2015

Narozený : Roman Jakobson

Bydliště : 28 IX 1891  
Bessemsund for Oslo, 2. Holmenveien

Potvrzuji svým podpisem, že se zavazuji vstoupiti dobrovolně do československého vojska ve Francii, bude-li toto v případě války zřízeno. Budu-li uznán pro vojenskou službu způsobilým, nastoupím ihned, jakmile budu k tomu vyzván.

16 XII 1939

R. Jakobson

Declaração assinada por Jakobson no consulado tcheco em Oslo, em 16/12/1939. No documento ele confirma sua filiação ao exercício tcheco, caso a guerra viesse a acontecer.

a escrever a um alto oficial do Zamini, Dr. Jan Jína, solicitando-lhe que alertasse Krofta, à época ministro de assuntos estrangeiros, de que seu trabalho ainda poderia estar em risco, e que ele interviesse em sua causa, caso fosse preciso. Com sua fonte de informação, Jakobson escolheu o proeminente jornalista tcheco Hubert Ripka.

A ocupação alemã da Tchecoslováquia, em 15 de março de 1939, levou Jakobson ao seu segundo exílio (desta feita um exílio escandinavo). Se sua lealdade para com a República da Tchecoslováquia até então era uma dúvida, agora, depois deste ato, ela deixou de existir, pois ele a declarou incondicionalmente. Numa carta remetida de Charlottenlund, Dinamarca, no dia 27 de abril de 1939, Jakobson notificou Ripka, à ocasião em Paris ocupado em organizar o Comitê Nacional da Tchecoslováquia, que ele se colocava “*totalmente à disposição*” [ênfases no original] deste órgão. Em 16 de dezembro, depois de se mudar para a Noruega, ele assinou no consulado da Tchecoslováquia em Oslo a seguinte declaração: “Com esta assinatura, afirmo meu compromisso de me juntar voluntariamente ao exército tchecoslovaco na França, no caso de uma

guerra vir a ser estabelecida. Se reconhecido como apto para o serviço militar, eu me apresentarei sempre que convocado.”

## Referências bibliográficas

GENIS, Vladimir. “Jakobson, konechno, vozmutitsia...” [“Jakobson, com certeza, ficará indignado...”] In: *Voprosy istorii*, [Questões de História], dezembro de 2008.

KLIMEK, A; HOFMAN, P. *Vítěz, který prohrál: Radola Gajda*. Pa-seka, 1995.

LUKEŠ, I. *Czechoslovakia Between Stalin and Hitler*. The Diplomacy of Edvard Beneš in the 1930s. New York/Oxford: Oxford University Press, 1996.

SHUBIN, A. V; ANTONOV-OVSEENKO, V. A. Disponível em: <http://1937god.info/node/1689> [Acesso em 21/01/2022].

SOROKINA, M. “Unreliable, but absolutely indispensable”: the 200th anniversary of the Academy of Sciences and the “Masaryk-Jakobson case”. In: ALLOI, V; PRITYKINA, T. (eds.) *In Memoriam: Istoricheskii sbornik pamyati A.I. Dobkina* [In Memoriam: coletânea histórica pela memória de A. I. Dobkin]. St. Petersburg, Paris, 2000.

Tradução de Valteir Vaz\*\*

Recebido em: 22/01/2022

Aceito em: 04/04/2022

---

\*\* Professor de Teoria Literária e Literatura Brasileira na Fundação Santo André e no Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza – *Ceeteps*. Pós-doutorando sobre o período tcheco de R. Jakobson na Universidade de São Paulo; <https://orcid.org/0000-0002-9960-3332>; [valvaz@usp.br](mailto:valvaz@usp.br)